

O HERALDO

Arancios, comunicados e assinaturas

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
 { Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O baptismo de fogo dos portugueses

O enviado especial da agência Reuter nas linhas de frente britânicas telegrafou-lhe que um batalhão português, que está pronto a ir para as trincheiras, foi passado em revista. Os oficiais ingleses, que foram adjuntos ás forças lusitanas para o seu treino em França, desfazem-se em elogios sobre o valor militar desses contingentes. São admiráveis a sua artilharia, de campanha e a sua cavalaria. Os soldados de engenharia agregados aos serviços telefonicos dão prova de grande inteligência e muita celeridade. Tem os seus serviços de ambulancia e todos os seus apetrechos completos. Só receberam aqui capacetes e espingardas.

O pão amassado com o 14 de Maio

Disse o presidente Wilson, na sua memorável mensagem, quando declarou a guerra á Alemanha, que «acima da paz estão o direito e a dignidade nacional».

Dois anos antes, logo que se desencandeou a grande tormenta, já assim o tinha pensado um pequeno povo da Europa. Foi Portugal.

Enervado, embora, por longos anos de paz, quasi sem exercito, esquecido da sua marinha—essa marinha a que, nos temposidos, deveu todo o seu esplendor,—o povo português, numa admirável visão dos seus interesses, sempre fiel aos seus compromissos de honra e ás mais gloriosas tradições de povo humanitário e cavaleiresco, não hesitou um momento em se colocar ao lado dos que então se aprestavam para defender o direito e a independência dos povos pequenos. E esse gesto tão nobre, tão espontaneo trouxe-nos imenso prestigio e simpatia. O nome de Portugal ecoou pelo mundo inteiro.

Mas... apodera-se do poder um bando de loucos, autenticos pró-boches—eles proprios o dizem em livros seus—e tudo se teria perdido, mesmo a honra, se o povo se não tivesse lançado na revolução.

A Republica ajoelhou; os compromissos tomados ficaram letra morta; foi-se mesmo até á traição; porque enquanto os cruzadores aliados bloqueavam a colonia alemã da costa oriental, Pimenta de Castro ordenava á nossa colonia de Moçambique que fornecesse viveres e roupas através da fronteira ao inimigo do aliado, que a esse tempo já tinha como prisioneiros muitos soldados nossos.

O 14 de Maio pôz termo a esse sonho mau. O povo, mais uma vez, se fez arbitro dos seus destinos, sacudindo para sempre e para bem longe os que tinham pretendido desonra-lo. Fez-se um exercito; mal organizado, improvisado, que im-

portou! Estão já 40.000 homens nos campos de batalha, acarinhados, respeitados pelos seus companheiros de armas dos aliados.

A nossa marinha, embora pequena, pôde livremente cumprir o seu dever. Dia e noite guarda os mares do continente, por mais de uma vez já foi mostrar a bandeira nacional nesses mares em que os submarinos mais tem semeado a destruição e a morte.

Hoje, o caminho é limpo e para a frente. Por isso, quando soar a hora da paz, malcicatizadas ainda as nossas feridas, iremos de cabeça levantada, a assistir á consagração da nossa independencia e ao reconhecimento universal do direito que alcançámos a vivermos para sempre livres e respeitados.

O pão amassado com o 14 de Maio foi isto.

Leote do Rego

Deputado e comandante da divisão naval

Crónica citadina

A SEMANA

Atabalhoadamente, forte no seu incivilismo habitual, Sr. Ex.º o Calor chegou a esta cidade da «Órgem e, com aquele «sans façon» que todos lhe conhecemos e admiramos, instalou-se comodamente, por toda a parte.

Agora, sob o leque esplendente dos raios do sol, vai um delírio de esvaimeos provocados pelas ardencias do astro-rei.

Na cidade, á parte um outro successo picaresco, mas sem galantaria e por isso improprio de arquivar-se nesta Crónica, toda a semana decorreu numa inquebrantável e irritante monotonia. Diz-lhes até que se não fosse a visita de Sr. Ex.º o Calor alternar-se com os esplendidos efeitos de um luar magnifico, riquissimo em cambiantes poeticos, nem seria possível—tão asfiança é a atmosfera de insipidez que nos circunda!—entramalhetar duas idéas para esta Crónica.

As noites, graças ás ultimas réctas no Cine, incomparavelmente mais distraídas.

No espectáculo do «Grémio Popular», tivemos a fina espiritalização da «Caraboo», linda canção norte americana, que o Gerdal exhibiu, em tempo, pela primeira vez, no velho Teatro Circo que Deus haja,—cantada agora pela gentil e insinuante Mademoiselle Maria Areia; na «reprise» da Revista, notámos, além da humorística interpretação de José Marques, no «Charlot» do quadro «Tudo Futurismo», a nótula espiritual transmitida por Mesdemoiselles Judite Cabeçadas, na «Canção da mendiga», e Ana Amelia, na «Moura Encantada» duas graciosas silhuetas em destaque.

Na sala, entre o lindo grupo das meninas que vendiam flores, predominou qual perfume inebriante, a gentileza daquella joven Normalista, quasi loura, de olhos sorridentes, frases de veludo e gestos de setim, que se incumbiu de distribuir as rosas da sua corbeille pelos espectadores dos primeiros fauteils da direita.

LYSTER FRANCO

Realizou-se em Vila Real de Santo Antonio a entrega trimonial do nosso prezado amigo sr. Francisco Malagueira Dominguez, com a sr.ª D. Maria da Conceição Dominguez.

As nossas cordiaes felicitações.

Perlo de Vizu a alojaram-se dois homens debaixo dum pinheiro, quando fazia enorme trovada.

Caiu uma foice, rachou o pinheiro, feriu um dos homens numa clavícula e ao outro furou-lhe um dedo, ao pé do qual se fez uma bala. Fato e caído foi um ar que lhe deu. Relógio e corrente idem. Os homens caíram como mortos, mas actual lá se levantaram conforme puderam, e foram para casa. Que sorte!

Exposição de Arte

Iniciamos hoje a transcrição do artigo do sr. Dias Sanches, publicado no nosso prezado colega «O Sul».

«Completamente absorvido pelos ensaios da revista *Palmadinhas nos Carecas* e pelos mil cuidados que requer a confecção de um quadro novo como o *Tudo Futurismo*, adicionando ainda ás preocupações constantes de autor e actor ás aulas no liceu, tem-me sido impossivel dizer mais cedo a minha impressão sobre a Exposição de Arte que acaba de encerrar-se no Teatro Lethes. Depois, dá-se o caso de haver perdido mais de metade de um artigo grande e completo que, nas horas vagas, eu estava rabiscando sobre o mesmo assunto. Serei pois breve.

Guerra Junqueiro disse que a critica da Arte é emoção viva de beleza. Na Arte sentir é conhecer. Sentir é compreender com todo o corpo. E Fialho de Almeida, imitando uma frase celebre de Amiel, afirmou que a Arte é um estado de alma.

E por isto, que sintetisa bem o meu modo de pensar acerca da Arte, que eu me breví a esboçar em meia-coluna de jornal e que penso dos quadros expostos e dos seus expositores, se o convite recebido dos quatro artistas que quiseram honrar Faro com uma exposição tão notável não me impuzesse já uma espécie de dever moral em manifestar-me. Se me perguntarem se um quadro está bem feito, eu encolho os hombros. Se me perguntarem se é belo, eu digo afoitamente: «Ou não é. E é ou não é, segundo o meu temperamento, segundo o meu estado de alma. E o despotico «gosto» ou «nao gosto». Portanto a minha opinião será muito individual, muito propria, completamente alheia a apreciações de fulano ou de beltrano, se bem que nalgumas haja plena concordancia com o que vou expor.

Seguindo a ordem do catalogo, Lyster Franco é o primeiro expositor. Numa sala pequena e de luz pessima acumulam-se, só seus, não falando nos quadros dos demais expositores, dize fusains, treze esquisos a eleo, quinze figuras, quarenta e uma paisagens e sete ou oito carvões. Ao todo uns noventa quadros; e a gente pasma, mas pasma a valer, como um homem com uma vida tão ocupada como a sua, pode produzir tanto. E assombroso! O que ali está representa muito trabalho e muita energia. E tem quadros magnificos como o da *Cigana* (n.º 27) e o da *Montanheira* (n.º 26) como o *Atalho* (n.º 42) e o *Recanto de Estrada* (n.º 41).

O *Amanhecer* (n.º 61) é um quadro cheio de frescura.

Sobre a nudez forte da Verdade... tem expressão, e aquele veu diafano da Fantasia abrindo-se sobre a melancolia dum cemiterio é o producto duma mão firme de Artista que sabe o que faz e porque faz.

Os quadros de Lyster Franco não são como alguns que eu conheço—feitos completamente ao acaso.

Há ali sciência sólida, sem haver contudo os desvarios de colorido da Arte moderna. Indiscutivelmente Lyster Franco é um bom pintor. Ha quem o ache frio, sem alma, mas quem afirma tal parece que não viu aquelle olhar extranho da *Cigana* a dizer-nos tantas dores, tanta desgraça. E um fantasma de dor, recortado em saudade.

A *Montanheira*, que afinal não é montanheira, mas sim a mulher do litoral algarvio pintada com verdade, com expressão, quem não diz que ela chegou ontem á cidade, onde veio para servir, acanhada, boçal, animal de mãos calejadas e sapatos brancos de vitela, mas tendo no olhar, naquella olhar que não nos diz nada, como que o sol absorvido durante os pesados trabalhos do campo a resumir em luz?

Lyster Franco não é o homem do esquadro e da regua, e Lyster Franco demonstra-o bem com os seus quadros da Natureza porque ele afinal é um verdadeiro artista da Paisagem.

O seu *Atalho* é de uma doçura extraordinaria. Ha ali qualquer coisa de religioso, nas arvores; no céu pálido da tarde, naquella paz meditativa dum crepusculo. Eu tenho imensa pena de não po-

der dispor de mais tempo para tentar exprimir tudo o que penso acerca da Obra e do Artista.

(Conclue no proximo numero)

GRALHAS

Tem vindo ricos de gralhas e omissoes os ultimos numeros de «O Heraldo». Vamos tratar de esconjurá-lhes os maus efeitos: Numa das ultimas noticias acerca da Exposição de Arte, saiu errado o nome do comprador do quadro «Florista», que foi o sr. Sebastião José da Costa.

No ultimo numero, no breve relato acerca da posse do novo governador civil, sr. de Vieira, omitimos entre o nome dos oradores do nosso prezado amigo dr. Cruz Gomes, que vejamos como o acaso as determina!—foi talvez dos nossos correligionarios o que proferiu o mais sentido discurso. Também, no mesmo numero, nos apropriamos de uns dizeres do nosso prezado colega *O Sul*, acerca da reclamação apresentada pelos representantes da Associação Protetora dos Animais, ao sr. Comissario de policia, sem seguirmos as praxes que regulam o assunto.

Que todos nos desculpem, porque se trata dos maleficios das gralhas danihas.

PARA A COSINHA

ECONOMICA

EXPOSIÇÃO DE ARTE

O sr. Constantino Cumano, digno Provedor da Misericórdia de Faro, enviou ao nosso director a seguinte carta:

Faro, 30 de Maio de 1917

Sr. Lyster Franco.

Venho agradecer penhoradissimo a V. Ex.ª e seus Ex.ªs colegas a generosa oferta para a Santa Casa da Misericórdia desta cidade, da quantia de Esc. 71 e 48 centavos, producto das entradas e venda de flores na Exposição de Arte no Teatro Lethes (68 e 780) e bem assim da percentagem sobre a venda dos quadros de V. Ex.ª (2.70).

Com toda a consideração e estima e em nome da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de V. etc. Constantino Cumano.

A instalação da Exposição de Arte que importou na quantia de 14 escudos, foi custeada pelos expositores.

CINE-TEATRO

Conforme prenunciamos, realizou-se no dia 28 do mês passado, nesta elegante sala de espectáculos, a recita promovida por uma comissão de senhoras do Grémio Popular de Faro, a favor da Cosinha Economica.

O espectáculo, que foi de veras interessante, constou da opereta «O processo do Rasga» dos eóros dos «Lirios» e dos «Leques», do engraçado dueto «A raspadeira e borraças», terminando com o córo das «Batatinhas».

A sala estava completamente cheia e todos os intérpretes receberam muitos e merecidos applausos pois houveram-se de forma a justifica-los, dando-nos em conjunto uma boa impressão, realçada por valiosas aptidões, tais como Mesdemoiselles Maria Areia e Rachel Guerreiro e os srs. Pinto Ribeiro e Sergio Franco.

Acenuamos: todos muito bem, evidenciando que o Grémio Popular de Faro conta elementos do grande valor entre o grupo dos seus amadores dramaticos.

Num dos intervalos foi rifado o quadro «Arca de Noé» oferecido pelo sr. António Caetano dos Reis. Este quadro, que é uma copia de uma interessante gravura inglesa, foi executado pelo habil scenografo sr. José Filipe Porfírio, que tem sido muito felicitado. Rendeu 30 escudos.

A festa, deduzidas as despesas, rendeu a importante quantia de 200 escudos que já foi entregue a sr.ª D. Ana Bivar como representante da digna comissão organizadora da Cosinha Economica.

Felicitemos o Grémio Popular de Faro pela sua benemerita iniciativa e pelo brilhantismo como soube realiza-la.

Pela comissão de velhos republicanos que promoveu o recepção ao nosso ilus-

tre correligionario sr. Leote do Rego, na recente visita a esta cidade, foi entregue á digna comissão organizadora da Cosinha Economica a quantia de 11 escudos e 80 centavos, excedente da importancia obtida por subscrição entre os nossos correligionarios, para aquele efeito.

Este gesto, que muito applaudimos, evidencia á absoluta concordancia que anima todos habitantes desta cidade a prestarem a sua coadjunção á benemerita iniciativa da digna Comissão das Senhoras que tão disveladamente trabalha para dotar a indigencia cittadina com o valioso auxilio da Cosinha Economica.

«Sphinge»

Damos hoje, na secção «contos e novelas» o conto, assim intitulado e que faz parte de uma *plaque* que o nosso prezado colaborador sr. José Brak-Lamy tenciona publicar brevemente sob o suggestivo titulo de «Zodiaco» e que se compõe de 12 narrativas a quatro series de 3 contos cada, a saber: contos da Violeta, da Rosa, da Papoila e do Crisantemo.

A «Sphinge», «A primeira lagrima», «Atraz do Ideal» e um outro ainda não escrito, mas já pensado, constituem a serie 4.ª correspondendo ás folhas que morrem, ás illusões que se despedem, ás ondas que passam. A 3.ª será a dos contos de chama, de crepitação de ardencia; a 1.ª dos contos da esperança, de qualquer coisa que começa, que espera, que vai crescer.

Recomendamos a «Sphinge» aos nossos leitores e agradecemos penhorados ao sr. Brak-Lamy, a deferencia de honrar o nosso jornal com um tão primoroso mérito.

José Saraiva

Regressou a Faro o nosso prezado amigo sr. José Saraiva, illustre inspector de Finanças deste distrito que, por motivo de serviço, fora chamado a Lisboa.

PALMADINHAS

No dia 31 realizou-se a reprise da engraçada revista dos srs. dr. Silva Nobre e José Dias Sanches, *Palmadinhas nos Carecas*, aumentada com um quadro novo *Tudo Futurismo* e agora exhibida entre alunos do Liceu e da Escola Normal.

A festa, dada a favor dos que se batem pela Patria, iniciou-se por um empolgante discurso do sr. Dias Sanches, esmagando o imperialismo alemão e enaltecendo o espirito patriótico da nossa raça. Foi muito aplaudido.

Seguiu-se a representação da revista, que decorreu com habitual agrado, deslizando, sem grande reparo as substituições.

O quadro *Tudo Futurismo*, um tanto descosido, tem *charges* boas como o *Fado do Ganga* e a *telegrafia sem fios* e a engraçada interpretação de José Marques Charlot.

Agradou-nos o côro alentejano e Moura, encantada, mas achamos que certas referencias eram excessivamente accentuadas, prejudicando a insistencia á graça que naturalmente revestiriam se passassem subis, e ligeiras como a picada de um pequenino alfinete.

Entretanto a recita agradou e as normalistas, pela sua parte, houveram-se com brilhantismo na coadjunção prestada aos colegas liceais, dando-nos o inapreciavel prazer de vermos estreitados os laços de boa camaradagem entre aqueles dois importantes elementos da academia citadina.

Os mancebos, reconhecidos no corrente ano pelas freguezias do concelho de Faro, tem inspecção militares nos seguintes dias do mez de Junho:

Os de S. Pedro em 18 e 19; de S. em 19 e 20; de Santa Barbara de Nexo em 21 e 22; de Estoi em 22 e 23 e a da Conceição em 23.

No dia 30 á tarde, chegada do comboio de mercadorias a estação de Tavira, um ant...

Em que época se começa a envelhecer? Em todas. Ha velhos de vinte anos e rapazes de sessenta. Sempre assim acontecerá, sempre assim acontecerá. A questão da idade constitui em todos os tempos um problema de difícil resolução. Agora, porém, esse problema ainda adquiriu mais intensa acuidade. A luta pela vida torna-se de dia para dia mais renhida. Agita-se progressivamente, acouga-se de infinitos episódios, debate-se numa concorrência desafiadora, converte-se num prêmio em que não ha misericórdia para o vencido. Nestas circunstâncias, a idade representa um valor capital.

Em toda a parte e em quasi todos os ramos de serviço, publicado ou particular, se estuda e se exige o limite de idade. Paralelamente examina-se com escrupulo, e até com rigor, qual é o período da existencia humana em que os dois sexos podem produzir maior soma de actividade, efeitos mais lucrativos, melhor rendimento? No exercicio, e agora na magistratura, entre nós, o rejuvenescimento dos quadros é uma lei inexorável que se impõe como uma necessidade imprescindível. Precisam-se de generais novos, no goso de uma plena robustez intelectual e física.

Ora o que acontece na vida militar amplia-se a certos cargos da vida civil. Precisa-se que a formação das unidades para o combate pela vida se achem á altura da sua missão. A guerra commercial e industrial tornou-se actualmente tão encarniçada como a sustentada entre hostes belicosas.

Ainda agora se descobriam inúmeros espias nas diversas fabricas da Europa, que vendiam os segredos das varias manufacturas para as suas rivais na America. As contendas artisticas e literarias não são menos aceras e reclamam que os seus campeões disponham de resistencia, de fogo, de vivacidade. Pergunta agora um jornal estrangeiro: os civis, no recrutamento, na escolha ou na manutenção dos seus chefes, deve inspirar-se nos mesmos principios que animam os organizadores dos exercitos?

Ora a proposito destas e doutras considerações um jornal alemão inquiri: Em que idade começa para o homem a velhice?

A esta interrogação responde o jornal de Berlim, *Berliner Tageblatt*: A naturalidade completa, isto é, quando o homem está no pleno goso da sua actividade e das suas faculdades, accentua-se entre os cincoenta e sessenta anos. O inquerito a que procedeu o importante diario berlinense redunha em desfavor dos quarentões. As personalidades qualificadas que, de boa mente se prestaram a consulta, declararam que não existe diferença de idade entre o homem de quarenta e o de cincoenta, e em nome da sciencia que lavraram essa sentença. Mas a sciencia, nota ainda o gronista estrangeiro, mostra-se generosa, visto como outorga aos dois um diploma de juventude.

Não se imagine que a folha alemã tratou do caso a gracejar. Tratou-a com toda a gravidade. Obedeceu a preocupações de ordem elevada. Queriam obter a favor do quinquagenario um atestado de boa saúde ou antes de aptidão física para exercer determinadas profissões ou funções. Ante o aumento incessante da população alemã e do temporário dos novos, avidos e ferozes, a situação dos mais idosos torna-se critica. A pretensão dos recém-chegados que os querem enxotar e instalar-se nos seus lugares, justifica-se? A invasão fremiente e implacável da mocidade, continua ainda o mesmo articulista, apresenta um perigo economico e social se lhe sacrificam aqueles que excederam a metade da sua vida.

A fim de fazer frente a este perigo, a folha berlinense, interrogou diferentes sabios: O professor e conselheiro intimo de medicina F. Krauss, lembra a frase de Naupyn: «Não ha definição satisfatoria de velhice». Mas a verdade semelhante definição nunca pode ser satisfatoria. Herr Krauss sustenta que biologicamente a velhice aparece quando terminou a evolução e que principia o trabalho contrario, que se chama involução, isto é, a decadencia. A involução actua relativamente cedo: na quinta década, na quarta e até na terceira.

Triste descoberta! Felizmente o sabio corrige os efeitos desta revelação sustentando que as células nobres se renovam, que o seu ultimo rejuvenescimento vai até os oitenta e mais, e que emfim, no que se relaciona particularmente com o quinquagenario, este conserva, tanto como o quadragenario, toda a sua actividade e toda a sua força intelectual. Se a teoria se mostra benevolente para o homem de cincoenta e mais, a pratica não lhe é desfavorável. Afirmam altas competências, no inquerito feito, que entre os quarenta e sessenta e mais, o homem possui todo o dominio da sua arte e a vantagem de uma maior experiencia. Esta opinião baseia-se em certificados precisos, por exemplo, Herr Bruno Herbert, director da Sociedade Commercial de Berlim, atesta os inestimáveis serviços que

GENTE NOVA

HISTORIA

Do ar, fôlha que passou,
Do de, principio de fim.
Do mim, nuvem que girou,
Foi formado o ar de mim!

NEBLINA

VISÃO D'OPIO

A' minha Nossa Senhora do Vermelho

Perfumes roga-cha vinham quebrar-se angustiosamente contra a minha face que ri...
Fecho os olhos para ver...

Silfides, cujos gestos cantam em desmaiocadencia-espasmo-dor, esbatiam-se azulaneamente em opio...

Hamadriades, seus olhos dormem numa imobilidade esfingicamente esfingica, eram luz, porque o sol ha séculos que morrera em lenta agonia ouro-purpura...

Ondinas, seus corpos tem as voluptuosas ondulações da gaze ao vento, rilmicavam em aromas polidos de arminho...

B. mais... muito mais... Oreades, Sereias, Ninfas... tudo numa dantesca bailata ebria de ideal...

A dança tornou-se cada vez mais rapida, arlequinescamente mais rapida...

Não eram corpos que dançavam! eram luzes num redemoinho de vento!

Eu não era Eu, era vertigem de mim proprio!

E... Silfides, Hamadriades, Sereias, Oreades, Ondinas, Ninfas, fundiram-se arrebatadamente num corpo só... belo... muito belo...
Apoteose!... Apoteose!...

Luz!... Luz!...

EUREKA!

E assim nasceste tu ó minha Nossa Senhora do Vermelho...

Paro, 29 de Maio de 1917.

FONTANES.

Redenção!

De chapéu verde feito de penachos de folhas de avenca e flores, um solitario conversa com a sua propria sombra em balaustre.

Reluz o capacete de prata do velho guerreiro do Senegal, que traz no seu escudo vermelho um lustro verde a circundar, sobre um fundo de ouro, um braco forte que empunha um gladio vingador!

Tinta de escrever! Tinta de escrever! Tu és um fogo que jamais se extingue! Nero, se resuscitasse, devia suplicar todos os tinteiros! Por que os tinteiros são os cúmplices da tinta e a tinta é sempre conivente com as penas, e as penas comem o grande, o alôz, o enorme, delicto de registrar ideias, pensamentos, aspirações, esperanças!

Quem sabe se, acaso escrevessem os analistas, eles não desprezariam a Rolina que só fala de velharias?

Ler o que ninguém ainda escreveu, o que ninguém poderá escrever!

Redenção!

Redenção!

CHRISTOFLE.

presta num banco um empregado de alta categoria, em plena maturidade. O dr. Artur Leppmann, que corrobora estas vistas com dados scientificos e aproveitando a manutenção do quinquagenario, o alemão, na efectividade de todos os serviços, o mais completo e o mais variado, faz uma curiosa observação. Os meios fisicos representam, diz o, alamado medico, na nossa época um papel de vedeta, um papel economico. Quando, por exemplo, alguns modestos servidores, gente da mediania, mandam pôr dentes posticos não é por garfagem ou por temer perturbações digestivas, mas para se apresentarem na luta pela vida, aqui pelo pão — com todas as vantagens.

Um dia o dr. Leppmann viu entrar no seu consultorio, onde se reparam narizes deformados, um limpa-chaminés novo, afilto por ter um appendice nazal demasiado volumoso. O enfatuado operario poupara algumas centenas de marcos para pagar ao cirurgião que devia corrigir o erro da natureza. Não é preciso, parece, ostentar um nariz grego para limpar uma chaminé; esse labor effectua-se na sombra e na mais apertada solidão. Mas o operario de chapéu alto — essa corporação na Alemanha usa o chapéu alto como distintivo — fôra obrigado, a fazer essa despesa, a submeter-se a esse pesado sacrificio, com receio de não encontrar trabalho.

Não acompanharemos nem registaremos aqui outras considerações do articulista. Na Alemanha segundo o inquerito, o homem entre os cincoenta e os sessenta

AS FOLHAS

DE HERA

Ao Sonho dos meus sonhos

O amor que um dia de dias pleno em tropel inundaram todo meu peito oferecendo-me gosos, gosos sem conto, brindando-me delicias proprias do céu augurando-me bens, bens eternos, foram, Amor Gentil,

As folhas de hera!

As doces ilusões que noutro tempo desceram quasi nuvens do alto céu e ocuparam o entro do meu cerebro vestindo de ouro e roxo seu corpo aereo subtil, ideal, intangivel e sempre belo, foram, Amor Gentil,

As folhas de hera!

As loucas esperanças que em mim nasceram sarando penas ao meu pensamento, fazendo elevar-se, audaz, soberbo ás regiões ignotas dos páramos — luz num vóo eterno de ave enodada foram, Amor Gentil,

As folhas de hera!

Amores deliciosos, gratos desejos risonhas ilusões, dourados sonhos formosas esperanças, doces intentos, proezas da terra, nuvens de incenso plumas aromaticas, luz, sombra vento, fumo, vapor, cinza...

As folhas de hera!

Porto, Maio 1917.

VIVINO.

NA CURVA DA IDEIA

Alegrias rubras incendiam-me no espirito lampas electricas de felicidade!

E tu, Estrela mirrada, vagabunda que andaste por mundos distantes, voltas a luzir na escuridão do meu horizonte ilimitado!

Olha-te, olho-me, e parecem meus pensamentos um bando de rouxinóis enjaolados pela ferocidade melodiosa dos seus cantares festivos num sol-pôr embalsamado a lirios.

Diante dos meus olhos glabros de visões perfeitas, sintoniza-se lenta, a humanização integra das curvas jonicas do alabastro do Teu corpo.

Tenho o meu pensamento salpicado de estrelas, de pirilampus, de faiscas relampagomicas!

Arde-me na pele o enofre de todos os sofornos, o fogo do todos os lares, as labaredas de todas as fornhalhas, os raios de todas as tempestades...

Mas!

Teu olhar é um punhal de gelo que metresspassa!

Vivendo assim, sinto todo o Alem encadernar-se no meu espirito de fatalidade errante!

Delirio! Delirio!

Passou, diante dos meus olhos parados a visão Kármica de um turbilhão de horas!

Mahomet! Mahomet!

Havia lume nos seus olhos, tentadores, ardeamas de sandalo e aloes nas turbinas dos seus olhos oscilantes e rigidos!

Elas passaram! Drivei-as passar! minha alma, feita morelgo, vestiu o smoking pardo do desespero e foi, num impulso irado, até a curva azul em que o céu se desdobra na sua propria continuação!

Porto, Maio, 1917.

KERNO.

VISÃO

Penumbra dourado-verde talsam na alacridade, rufila do poente a variegada bailata do Perfume que morre.

Choram incensórios amortalhados em pó a saadade livida dos dedos tremulos que outrora se balanceavam ante a negridão espectral dos grandes pinceis pasmados!

No céu, qual noção de tinta alisante esvoaçam nuvens roxo-amarelas e junto do lago das aguas mortas flores riem escarminhas do Perfume que morreu.

E o Perfume, santificado pela pureza dos sacrificios em que o mesclaram, ascende ao céu tranqullo qual espirito de um Jusio!

Lisboa, Maio, 1917.

OSVALDO.

está apto para exercer a sua actividade no commercio, na industria, nas artes, nas letras e nas sciencias. Notando o articulista, com a graça, que no teatro e no romance, como na vida, se ampliou o limite de idade. A época dos cincoenta e sessenta e mais é uma especie de verão de S. Martinho! E termina: O quinquagenario pôde aproveitar a gentia estação que se lhe preparou: saboreie então os frutos, não tanto serodios, que se apresentam com o ar de serem novas primicias. Quem sabe? Daqui a dez anos chegará a vez do sexagenario. Dar-se-ha o caso que quanto mais a humanidade envelheça mais os homens rejuvenescem! Alapen

Continua.

Antologia do Algarve

POESIA

XIII

Sempre tu nos meus sonhos, noite e dia,
Sempre tu nesta idea que me mata;
Tu nos cantos de estranha poesia,
Tu na mente em que a imagem se retrata!

Tu nas aves que vóam pelo Azul,
Em demanda de ignola região;
Nas estrelas dispersas pelo túl
Difano, azulino de amplidão!

Tu no arroio que geme docemente,
Correndo, vagaroso, para o mar;
Na corola da flor alvinilente,
Na esteira prateada do luar!

Nas horas de fatal melancolia,
Em que a tristeza se converte em pranto,
Nos momentos fugazes de alegria,
Sempre tu, minha musa, meu encanto!

Que importa não te ver? A toda a hora
Passa ante o meu olhar tua visão;
Se eu sinto tua imagem sedutora
No infinito, no olhar, no coração!

LAURINDA SERYTRAM.

PROSA

MADRIGAIS EM PRÓSA

S P X X N G E

(Duma «plaque» de contos em preparação)

Ao aproximar-me da quinta, pela primeira vez, nessa primavera — de visita aos lilazes, cujo aroma faz ventgens — já ouvia lá dentro as gargalhadas frescas das mulheres.

Pela primeira vez nesse ano, a estrada se apresentava branca, como que coberta de marmore pulverizado. Até ali tinha sido um traço feito de lona molhada, onde um rasgão ou outro refletia o pardo triste do céu. Durante o inverno, a planície era desolada e fatidica: um céu metálico, a neblina envolvendo tudo de humidade; as arvores despidas, erguendo para um infinito sinistro os braços decepados; os muros cobertos duma teia de lichens escorrendo lagrimas; um ou outro cão faminto escondendo-se na valleta, supondo atrás da abatega do céu a pedrada dum homem. E todo este quadro desenhado em zinco cinzento, fôco.

Ah! Mas agora, pela primavera, um possante vulcão de vida irrompera na terra e no céu. Por um prodigio, corrida a gaze tenebrosa a um empuxão do sol, tudo era soberbo, luminoso, variegado. Os prados carregavam-se do verde berriante, que os pecegueiros, e as amendo-eiras, salpicavam de cachos brancos ou roseos. As papollas semelhavam picadas de sangue. O azul do céu era um transparente olhar sem perfidia; e até a velha estrada, «coquete», se cobria de pó de arroz. Os carros dos rusticos traziam já brachadas de cores e de caras sorridentes; e as suas guizeiras pontuavam o silencio contemplativo da hora com picadas sonoras de metais alegres.

A «Sphinge»...

Tal era o nome que no meu cerebro se escrevia quando, ao vê-la nas suas indefinidas atitudes, considerava a linha impecavel, indecifrável e contróvessa do seu perfil.

O nariz era perfeito, nariz feito para um olfacto delicado, para uma sensualidade requintada: viam-se-lhe estremer as delgadas azas como o peçoço dos cavalos nobres, ao menor sopro que lhe estimulava o genio. A boca mantinha-se retraida um pouco para dentro, os labios um tudo nada contraidos, como para o principio de um sorriso, para uma palavra que se não quer dizer. O queixinho tinha uma bela curva, uma arredondada saliencia que, ao mesmo tempo que denotava vontade, lhe dava um gracioso tom infantil. Os olhos, destes olhos de veludo, traziam em si o misterio das nuvens negras e redondas da Tempestade: prontos a desfazerem-se em lagrimas ou a fusilarem em raios. Tais eram os olhos dela. E, ao observar o conjunto deste rosto de quinze anos, grave demais para

a idade e tão profundo na sua tradição como uma noite sem lua, eu considerava muitas vezes que possante Inimiga ali se estava criando. Que poderoso instrumento musical se apertava neste evoluciono gracioso! Com que ancia escutaria o diapasão com que deveria afinar! Mas aí do dia em que ela vibrasse!... pois que as suas pujantes cordas estalariam com a violencia do primeiro estremecimento, e, como um violino magico, ela espalharia em torno de si a febre dos desejos e das lucturas.

Ao aproximar-me da quinta, eu ouvia lá dentro as gargalhadas frescas das mulheres. Subiam na grande transparência do ar como fadas de perolas sonoras, crepitando e chocando-se no fundo violaceo do descair da tarde. Alem da sebe elevava-se uma grande arvore, que toda rebentava em chachos de flores vermelhas: e aqueles risos pareciam-me a alma das catadupas de flores, librandose e desprendendo-se da alta arvore pensativa. Na sombra verde da alca de entrada, sobre o caminho bordado de pequeninos malmequeres rasteiros, ela appareceu-me erecta, imovel, indecifrável como uma sphinge e o seu chapéu de campo, de abas descaídas, projectava sobre a sua fonte uma penumbra azul, onde os olhos verberavam, enormes, a maciez luminosa do veludo.

Continuêi caminhando para ela. Mas se o meu corpo caminhava, a minha alma parava, contemplando, porque, aquela aparição fugitiva tinha para mim a atracção magica dum enigma, em que Psyche, latente estaria, talvez, para se revelar.

Retorna a noite, emfim. Todos os ruidos se apaziguaram e até o rasnalhar das arvores se calára, para dar o lugar ao zumbido continuo dos raios que semelha a agua corrente. Tudo eram sombras; adivinhava-se um espirito em cada profundidade, cujo lampear de olhos era um ou outro pirilampo fugitivo.

E todos se instalaram á beira da casa, sem uma luz, para continuarem a conversar no grande vazio da noite. Por entre essa treva azul, onde a brisa apenas se presentia, o riso das mulheres ainda subia como fiada de perolas sonoras dum jogo malabar.

Sphinge ficara ao pé de mim. Eu estava pensativo, a prescrutar a soberba alma nocturna, essa grande esfera que me envolvia com a maciez dum manto que vivia e sonhava.

E sem a ver a ela, porque a luz das estrelas apenas recordava silhuetas, comecei entretanto a construir a sua imagem, numa das suas indefiníveis atitudes e a considerar o controverso desse perfil infantil, e sibillino sobre o fundo do infinito. A pouco e pouco essa imagem animava-se, crescia, e tomava um significado extraordinario: sorria com um sur-

riso tão inefável com o duma creança, tão ardente como o de uma odalisca. Era ao mesmo tempo flor e carne — flor para se desfolhar em pétalas frias; carne para abraçar em reconditas volúpias. E desse sorriso desprendia-se como que um perfume que causava tonturas e arripios — qual o das laranjeiras, que ao mesmo tempo traz o ideal e a sensualidade.

Eu não sei se alguma transmissão ignorada disse a *Sphinge* o que eu estava pensando: mas pareceu-me que o influxo dos meus pensamentos a atraía; que arrastando insensivelmente a sua cadeira para junto de mim, eu sentira o contacto morno e suave do seu hombro e do seu braço...

Eu jamais lhe havia dito uma palavra. Tratara-a até aí como uma creança e só talvez o meu olhar, que eu desejaria velado e insignificante, lhe houvesse revelado o íntimo do meu pensar, a chama longínqua do meu desejo.

Não, não era ilusão aquilo. Uma ligeira pressão me avisou de que a *Sphinge* se encostara a mim. Como uma corrente, que se transmite, como uma corda que se fere e cujo som se escuta na alma do violino, eu sentia os meus pensamentos brotarem e vibrarem agora dentro do peito dela, como se um milagre nos houvesse unificado. E tive o pudor de pensar...

Lá ao longe, isto é, nas cadeiras em volta, conversava-se e ria-se: porém, o nosso silencio estava cheio de scintilações, e de chama. Eu vivia breves instantes de vertigem e ouvia latejar umas artérias — as minhas, meu Deus? as suas? — sentindo-me, abraçado por ela, na febre dos desejos e das loucuras. Para romper semelhante extase doce e perigoso, fiz um movimento; e com esse movimento, na sombra profunda, vi claramente, por entre a loucura do seu hálito, as chamadas de dois olhos de veludo e a brancura dos dentes entreabertos... por entre os quais a alma da *Sphinge* nesse agudíssimo instante, se evolou e me pertenceu.

Tomar, 1917.

JOSE BRAK-LAMY.

O DIA DOS ALIADOS

Acaba de ser expedida pela Secretaria Geral do Ministério da Guerra a todos os estabelecimentos de ensino e às inspecções dos diversos círculos escolares a seguinte circular destinada a comemorar patrioticamente a nossa participação no esforço heroico que o mundo civilizado, emprega contra a barbárie alemã:

«Desejando o Ex.^{mo} Ministro iniciar a comemoração de um dia, que será denominado o «Dia dos Aliados», encarrega-me de comunicar que essa comemoração se efectuará no dia 9 de Junho próximo, reunindo-se assim a comemoração de Camões, que é por excelência o poeta patriótico.

Determina também sua Ex.^a o Ministro que nesse dia seja lida diante dos alunos, em todas as escolas, a bandeira nacional, e que cada professor reúna os seus alunos na sala da aula, quando na respectiva escola não haja sala especial para reuniões dessa natureza, e lhes dêem, em clara e resumida palestra, notícia das origens da guerra actual, fazendo-lhes sentir a grã-deza da obra das nações nossas aliadas, e enaltecendo-lhes o valor da nossa intervenção directa nos campos da batalha ao lado da França, da Inglaterra, e demais potências aliadas, não só como nação que somos respeitadora da letra dos tratados e ciosa do cumprimento dos deveres de honra, que uma aliança de séculos nos impõe, mas acima de tudo como orgulhosos cooperadores no esforço heroico do Direito, da Justiça e da Civilização, salvando as pequenas democracias no esmagamento a que as condenaria a vitória do imperialismo alemão.

POR ESSE MUNDO

Roubo de coelhos perigosos

Dizem de Marselha que ao dr. Bonefoy foram roubados grande numero de coelhos, a que havia inoculado, para experiências científicas, bacilos da tuberculose, do tifo e outras terríveis enfermidades. Ha ali grande desasossegado pelo receio de que o ladrão tenha vendido os coelhos e estes sejam comidos por alguém.

Seguros contra a revolução

Os deputados conservadores ingleses, em nome das classes ricas, criticaram acerbamente na Câmara dos Comuns os novos organogramas apresentados pelo ministro da fazenda, mr. David Lloyd George. Este, referindo-se ás críticas dos conservadores, na sessão de quarta-feira disse o seguinte:

«O governo de que faço parte está disposto a reduzir o imposto sob a riqueza adquirida a doce «pença» por libra, quando a renda não passe de 300 libras por ano. Mas manterá a cifra de quatorze

«pença» por libra quando se trate de rendas que variem de 300 a 500 libras.

«E não estranhem os ricos e os seus representantes, os deputados conservadores que lhes queira fazer pagar os aumentos nas despesas publicas.

«Nestes ultimos anos, a difusão da instrução tem modificado profundamente o espirito, das massas. E se os ricos se negassem a fazer os oportunos sacrificios em proveito dos seus compatriotas menos afortunados, poderia chegar um dia em que se lamentassem do que fizeram, e surpreender-se-hiam de haver-se oposto egoistamente a um imposto de dezasseis «penças» por libra, que não era outra coisa senão um premio de seguro contra a revolução social.

«Nesse dia perderiam tantas coisas que ao pé delas os meus caluniados organogramas não teriam nenhuma importancia.»

A ultima moda...

Uma notável revista parisiense publica a fotografia duma formosa artista francesa que tem fama de impôr a moda, pela suprema elegancia com que sabe vestir-se e ao lado dessa fotografia, a reprodução duma estatua descoberta no seculo VIII em uma gruta de Longmen. (Hanam).

A esta estatua reconhece-se a moda antiquidade de 3.000 anos. Pois bem: o seu vestido e o seu penteado tem uma completa analogia com os que privam actualmente entre as mais elegantes damas.

Logo, a ultima moda é pelo menos, de ha trinta seculos, e o figurino do mez passado!

Excursão scientifica

A Associação Protectora do Viajante, de Santander, organizou em Puente Viego uma notavel excursão em que tomaram parte mais de duzentas pessoas.

Antes de partirem os excursionistas, o sabio salegiano Padre Carballo, deu no salão do Hotel uma interessantissima conferencia sobre as hipoteses da vida humana na época troglodítica e acerca vivendas dos homens prehistoricos descobertas naquela provincia.

Em seguida partiram os excursionistas para Puente Viego de visita á preciosa gruta descoberta pelo famoso paleontologo montanhês sr. Hermilio.

Entre os excursionistas figuravam o bispo de Astorga, Lasala Biul, Ramon y Cajal e outros insignes catedraticos e homens de sciencia.

Os cinematografos

Publicou-se em Bruxelas a estatística official dos cinematografos existentes na Belgica. Sómente em Bruxelas ha 115. Em todo o reino funcionam exactamente 635. Na estatística acrescenta-se que em Paris ha 200 cines, em Londres 400 e em Nova-York 470. Em Faro, 1.

O reino Unido da Gran-Bretanha possui, para regalo dos oculistas, 2.000 cinematografos. A Alemanha não lhe fica atrás, pois possui outros tantos.

Resulta, pois, destes numeros, que dadas as populações respectivas, a Belgica é a nação que tem mais cinematografos.

Uma «gralha» terrivel

Um jorna de Nancy cometeu um curioso erro tipografico que lhe proporcionou uma querela e um pedido de indemnização.

UMA GRANDE BODA

«Dois tu nantes chamados Alberto G. e Paulo S. divertiram-se ontem pela tarde a atormentar na avenida da Grand Armée, o cão de M. Zenith, o conhecido construtor.

Ataram-lhe uma caçarola ao rabo e intraduziram-lhe petardos nos ouvidos.

Uma multidão de amigos concorreu a cumprimentá-los e fez os melhores votos pela sua felicidade. A des-juntamos os nossos muito respeitosos.

A explicação de tão extravagante sulto estava em outro que dizia assim:

DOIS CRETINOS

«Ontem celebrou-se na igreja paroquial do Saint Agustin o matrimonio de M. Joseph Hispano, o excelente fabricante de automoveis, com «mademoiselle» Helene de Pont-Mirabeau, gentil filha do almirante do mesmo apelido e de sua esposa, «enée» Rönd.

Os dois imbecis foram levados por um agente ao posto de Policia, onde foi levantado auto.

Desejamos que os enviem a uma casa de correção para que reflexionem ali sobre a estupidez do acto que acabam de cometer.

Os «aludidos» e suas familias estão furiosos, e não o está menos o director do jornal que quiz despedir todo o pessoal da tipografia! Como o leitor já percebeu houve uma troca de titulos e de grã-deis, pertencendo o ultimo paragrafo da primeira noticia á segunda e os dois ultimos da segunda á primeira. Como elas se arman! Sabe Deus o que por cá vai!

α Elegante

Rodolfo Silva

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

MAQUINAS E ACESSORIOS

PARA AS INDUSTRIAS E AGRICULTURA

MOTORES ELECTRICOS
DE VARIAS VOLTAGENS
E
DINAMOS
DE VARIAS AMPERAGENS
Dos mais afamados
construtores
O MAIOR
DEPOSITO DO PAIZ

LAMPADAS ELECTRICAS
«POPE»
DE FILAMENTO METALICO
PUXADO A FIEIRA
LAMPADAS 1/2 VATIO
Lampadas espiral a reflector
(COM ABAT-JOUR DE PORCELANA)
Unicos representantes
destas lampadas
DE
REPUTAÇÃO MUNDIAL

John M. Sumner & C.
SUCESSORES
BAPTISTA, FILHO & C.^a
29, Avenida da Liberdade, 37
LISBOA

TONICO AMARELO VITELINA

Higiene dos cabelos
Preparado por J. Fernandes
O unico que tem preparado este tonico durante 30 anos
E' este o verdadeiro TONICO AMARELO VITELINA

Com o seu uso obtém-se: Cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos. Impede a sua queda, limpa a caspa e conserva a cor e brilho natural.

FRASCO \$60 (800 réis)

Para a provincia accresce a embalagem, porte e registo (\$20)
Regateie o que não tiver esta marca registada
Deposito principal: J. DELICANT — R. Sapateiros, 15 — LISBOA

ATENÇÃO!

REMEDIO FRANCES

XAROPE FAMEL

CURA AS
TOSSES

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as farmacias ou no Depósito Geral, J. DELICANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte comprado 2 Frascos.

ATENÇÃO!

REMEDIO FRANCES

NOTICIARIO

Já está resolvido o conflito suscitado entre os proprietarios das armações de atum e os cercos americanos no Algarve.

O ministro da marinha revogou todas as condenações e multas impostas pelo chefe do departamento marítimo do sul, ordenando que aos cercos fosse restituída a liberdade de pesca, garantindo uma zona de protecção para as armações de atum.

A solução satisfatoria deste incidente determina a reabertura das fabricas de conserva no Algarve, pois algumas delas haviam já cessado a sua laboração.

A proposito deste assunto conferenciaram com o ministro da marinha o chefe do Departamento Marítimo do Sul, capitão de mar e guerra sr. D. Bernardo da Costa, e o sr. Juiz Fialho.

Sua Magestade o Rei de Inglaterra conferiu a grande-cruz de S. Miguel e S. Jorge ao ministro da guerra sr. Norton de Matos.

Com o sr. ministro da marinha esteve conferenciando sobre assuntos relativos a pesca no Algarve o deputado sr. Adelino Furtado, tendo depois o sr. Arantes Cardoso uma larga conferência com os srs. maior general, director geral da marinha e chefe do Departamento Marítimo do Sul, acerca da solução a dar á questão da pes-

ca no Algarve, especialmente no que diz respeito aos cercos americanos do atum. Parece que ficou assente promulgar-se um diploma especial resolvendo esse importante assunto.

Assumiu a chefia da estação Telegrafo-Postal de Tavira em 1.º do corrente D. Mariana de Assunção Freire Xavier irmã do nosso querido amigo e correligionario Afonso Alvaro Freire, illustre e digno chefe dos serviços Telegrafos-Postais deste distrito. Sua sobrinha D. Maria Natália Freire Xavier, foi nomeada chefe da estação Telegrafo-Postal de Caramujo onde se encontra seu pai Antonio Lucio Xavier Gonçalves desta cidade.

Foi mandado passar á actividade e collocado na secretaria dos serviços Telegrafo-Postais deste distrito, o 3.º official Antonio Xavier da Trindade, bemquisto cavalheiro, residente nesta cidade e abastado proprietario em Tavira.

Reabriu em 1.º do corrente a estação Telegrafo-Postal de Caidas de Monchique.

Reassumiu a chefia da estação Telegrafo-Postal de Olhão o 3.º official Manuel Pereira Vasco, considerado cavalheiro e importante proprietario daquela vila.

Foi transferido da estação Telegrafo-Postal de Messines para a Praia d'Ancoara a sr.ª D. Ernestina Albina Evangelista desta cidade.

— A Junta de Credito Agricola está estudando a constituição da Caixa de Alte.

— O comandante em chefe da divisão naval, requisitou com urgencia para servir na divisão, os capitães-tenentes srs. Isaias Newton, Magalhães Ramalho, Carlos Frederico Braga, 1.º tenente srs. Procopio de Freitas e Aragão e Melo, 2.º tenente, pelo que tem de deixar respectivamente os cargos de chefe da 2.ª repartição da direcção geral da marinha, director interino do deposito de fardamentos; 2.º comandante da escola de marinheiros do Norte, instructor da Escola de Torpedos e capitão do porto de Tavira.

— Conferenciaram com o sr. ministro da marinha, o sr. Leote do Rego, comandante da divisão naval e os srs. Carlos Fuzeta e Juiz Fialho, sobre assuntos de pesca no Algarve.

— Estão a concurso as seguintes escolas: sexo masculino, Canas de Senhoria (2.º lugar); Nelas, sexo feminino, Nariz, Aveiro; Santa Barbara de Nexo, Faro; mistas, Parada, Alfandega da Fê; Santa Cristina, Mortagua; Cabanas, Tavira.

— O comandante em chefe da divisão naval mandou ativar a vigilância em toda a nossa costa do Algarve.

— Vimos nesta cidade o sr. João Corrêa das Dóres, industrial em Olhão.

— O deputado sr. Brito Guimarães requerer pelo ministerio da marinha copia de despachos, relatorios e telegramas sobre a pesca de atum e cercos americanos de pesca de sardinha na costa do Algarve.

— Foram concedidos mais 30 dias de licença ao deputado sr. dr. João Pedro de Sousa, nosso muito presado amigo.

— Vimos em Faro o nosso presado amigo sr. Humberto José Pacheco, digno administrador do concelho de Loulé.

— Foram transferidos reciprocamente os escriptes de direito do 1.º officio da comarca de Vila Real de Santo Antonio, sr. Henrique da Costa, Ribeiro, e do 2.º officio de Ancião, sr. Manuel Firmino Vilhena de Almeida Maia.

Por esse Algarve

Lagos

Esteve nesta cidade, onde veio inspecionar os recrutas do regimento de infantaria 33, o general comandante da 4.ª divisão, sr. João Ricardo Miranda de Macedo e Brito, ficando admirado do estado de instrução em que se encontram os mesmos, pois que apenas ha 36 dias se acham incorporados. O general, depois de ter inspecionado os recrutas, elogiou os comandantes da 1.ª e 2.ª companhias de instrução, capitães srs. Manuel Caetano Tavares e Francisco Rodrigues Sarmiento e os instrutores que desempenharam o seu cargo com zelo, aptidão e boa vontade.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 3.—D. Leonilde Vieira Marques, D. Balbina Rodrigues de Almeida, D. Maria das Dóres Caleça, Antonio Joaquim Pimenta, Diogo Afonso dos Reis e Joaquim Eduardo Ferreira.

Segunda-feira, 4.—D. Maria Eugénia Costa, D. Isabel da Visitação Quintino, D. Sabina Amelia Pereira, João Carlos Ferreira, José Joaquim Neves, Augusto Eduardo e Manuel Alfredo Martins.

Terça-feira, 5.—D. Maria da Cunha Monteiro, D. Mariana Martins, D. Libânia Pinheiro Vicente, Eduardo da Costa Montinho, Bernardo Francisco Diniz Aiala.

Quarta-feira, 6.—D. Manuela Ribeiro Leite, D. Maria Augusta Magalhães, D. Isaura Dinis Teixeira, D. Maria da Conceição Condeiras Chagas, Antonio Albano Simpaio, João dos Santos Vilar e Alfredo Joaquim da Costa.

Quinta-feira, 7.—D. Alice Pereira Servolo, D. Maria das Dóres Vieira, D. Georgina Leiria Rivasce, D. Maria Ramalho, Antonio Dias Feliciano, Alvaro de Sousa Pires e Joaquim Alfredo das Dóres.

Sexta-feira, 8.—D. Alice Moreno Guerreiro, D. Ana Judica da Costa Carneiro, D. Emilia do Nascimento Alves, dr. João Franco Pereira de Matos, Sebastião Estácio Telo, José Herculanio Praxedes.

Sabado, 9.—D. Maria Margarida Aurelio, D. Maria da Trindade Marques, Alfredo Fernandes Martins, e o menino João Bento Moreira.

Casamentos:

Pela sr.ª D. Amélia Saler Belmonte e seu marido sr. Vidal Belmonte, foi pedida em casamento para o sr. Artur Moisés Junior, inteligente guarda-livros dos srs. Belmonte & Louro, Limitada, a sr.ª D. Maria Albertina Moral. O enlace realiza-se brevemente.

Doentes:

Encontra-se doente o sr. Herculanio Herdade.

Necrologia:

Faleceu no dia 31 o sr. Antonio Joaquim Gonçalves, antigo guarda civil, homem de virtudes e de elevada moral. A família enlutada os nossos pesames.

Serras de Fita, Cravadeiras e Balancés

Para fabricas de conserva, compram-se usados:

Dirigir-se a José J. M. Adelino Pereira.

Loulé.

Trespassa-se

em aluga-se uma casa baixos e altos, na rua D. Francisco Gomes 24-26, quem pretender dirija-se a João Lopes do Rosario.

C. SANTOS, LIMITADA

Lisboa—Rua Nova do Almada, 80-2.

Telefone—n.º 69 5

telegramas—Boamenal

OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante e metódico do **OILDAG**, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que podemos afirmar, sem receio de desmentido, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% do consumo primitivo.

Em motores de lubrificação automática, embora os fabricantes aconselhem a limpeza do arter depois de um determinado percurso, não ha receio de gripagem fazendo-se a limpeza depois de um percurso dobrado ao aconselhado por esses fabricantes.

Em motores cuja lubrificação é por

barbotage a economia não sendo tão sensível atinge contudo entre 30% e 40%.

Todos os resultados obtidos com o **OILDAG** são verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e o menor consumo de gasolina no fim de 100 kilometro economia esta que atinge por vezes 15% a 20% do consumo primitivo.

Experimentar o **OILDAG** é usá-lo e a todos os automobilistas se roga no seu proprio interesse, um pedido a título de experiência, que muito gostosamente satisfaremos.

VELAS "REFLEX"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante, mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo.

Elas próprias, e automaticamente se limpam.

limpam. As velas **REFLEX** têm, por sobre qualquer outra, dobrada existência. São, por consequência, 50% mais baratas.

Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL

O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário. Para 5 passageiros.

Todos com iluminação, buzina e miscelânea electricas por dinamo.

STUDEBAKER

O carro de turismo por excelência. O rei dos carros americanos. O máximo conforto. Carros com todos os acessórios.

Pneus Michelin O melhor

Sempre stok

KLAXONS, VULCANISADORES E TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS

Thermoid—SEMPRE EM STOK

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE **ANTONIO DOS SANTOS CAPELA**

Ex-empregado da Livraria Popular

Livros em todos os generos, novos e usados

Depositar das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra

Faz as mesmas condições de revenda que as proprias casas Editoras

LIVROS DE ENSINO

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Todos os livros proprios pelos preços de Lisboa

Instrução secundaria—Escolas normaes e liceus

Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos

Pedir o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é remetido gratuitamente

Literatura, poesia, teatro e sociologia

Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sena Freitas, Filho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Junior, João Chagas, Julio Dantas, Malheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto de Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arnoso, Conde de Monsanto, Mario Monteiro, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero do Quental e Padre Antonio Vieira.

Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flamarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibañez, Paulo de Kock, Kropotkin, Lamartine, Larousse, Siemkiewicz, Tolstoi e Julio Verne.

Agente geral no Algarve das publicações da **RENAISSANCE PORTUGUESA**

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NAS ONAES E ESTRANGEIRAS

Assinaturas para todos os jornaes, romances, nacionaes e estrangeiros

Aviso importante

Ququer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Todas as pessoas que desejarem algum artigo desta casa, devem mandar a sua importância em vale do correio. Se não houver na lista os livros que requisitem, pedem-se imediatamente aos editores.

ALUGUER DE LIVROS

Todos os alugadores deixam em deposito a importância do livro alugado. Quando o restituem, deixam 20 por cento, e recebem o restante da importância que depositaram.

Façam todos os pedidos ao **CAPIEIRO**

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Livraria das Novidades

Rua de Marinha, 15

FARO

Francos de porto

Jeronimo Dias Barbosa

IMPORTADOR-EXPORTADOR

CHIBUTO

Gaza—Africa Oriental

Mercearia e Padaria, Arrigos para

Europeus e Indigenas

Quinquilheiros

Recebem-se estudantes

Optimo alojamento com luz

propria, excelente mesa.

Preços módicos

Rua Manuel de Arriaga n.º 19

(em frente do Liceu)

FARO

A ELEGANTE,

RODOLFO SILVA

Loulé

O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.

Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da rovincia sejam endereçados a

Rodolfo Silva—Loulé

HOTEL A MARO

ALBUQUERCA

As proprietarias deste hotel participam aos seus ex.ºs Freguezes que mudaram o

seu hotel para novo edificio apropriado ao fim, situado no aprazível Largo da Meia

Laranja.

Todos os quartos independentes e com luz propria

CONFORTO E ACEIO

AS PROPRIETARIAS,

Enestina da Piedade Amaro e Raquel do Sacramento Amaro.

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiais de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças aos olhos, boca e dentes

Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS

EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 46

FARO

Moto F. N.

4 cilindros em bom estado vendem Marques

& Vaz Velho Limitada

FARO

Enxofre Americano a receber brevemente

Vendem Marques & Vaz Velho Limitada

FARO

Estanho

Vende-se Garcia R.—R. do Ouro 274.

Lisboa.

Casa

Com oito ou dez compartimen-

tos espaçosos, precisa-se.

Carta a esta redacção.

ANUNCIO

Anuncia-se a venda do moinho chamado—do Sobradinho.

Está proximo da linha ferrea e tem terreno que serve para edificações, prestando-se tambem para construção de fabrica ou marinha.

Recebem-se propostas em carta fechada no escritorio do sr. Parai-zo Pinto, rua de Santo Antonio n.º 61 A., até 15 do proximo mez de Junho.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE

DE

MANOEL CARVALHO

RUA INFANTE D. SENSIVODE, 180

FARO

Construção de pozos, Arizezianos—Vendem-se materias para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Instrução Secundaria e Profissional

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

Tratado de Química Elemental (8.ª Edição) Um volume de 400

páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO:—1750)

Esta obra útil e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as theorias quimicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiências, apontando e preparando da verdade de interesse na vida pratica; e os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literaes e exemplares de fórmulas da disposição dos cálculos. Este compendio contém as materias dos programas-officiaes para o ensino da quimica em todos os institutos de instrução secundaria e profissional, e foi adoptado em seguida a sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriaes, commerciaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores.

Lição de Física do curso geral dos liceus e escolas normaes (13.ª Edição) Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 402 gravuras. (PREÇO:—1740)

Esta compendio, dividido logicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso de 1899, e segundamente mandado adotar em todos os liceus as por Decreto de 17 de novembro publicado no *Diário do Governo* n.º 261 do mesmo anno. Foi novamente escolhido para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192), e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja materia podem ter lugar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito facis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição. Este método essencialmente indutivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da física, encontrandose por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normaes, mas tambem ao ensino ministrado nos seminários, nas escolas elementares, industriaes, ensas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (11.ª Edição) Um volume de 141 páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras (PREÇO:—2700)

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso por 1.º de 1897, e segundamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diário do Governo* n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192) e revalidada a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente acomodada a revisão geral do *Curso de Física* dos liceus de harmonia com as instrucções que acompanham os programas do curso complementar, pois, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvoltura e metódica coleção de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas em todas as escolas de Portugal e do Brasil, acompanhando os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes de alta-freqüencia, dos radiocircuitos, da telegrafia sem fio e da radiotelegrafia. Os principios e deducções theóricas, as experiências demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theórico e pratico, a disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fora dos cursos escolares: o amador da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o telegrafista encontra os conhecimentos das reacções dos corpos e da abstractidade indispensaveis a sua profissão; e todas as pessoas que desejam adquirir noções dos fenomenos da natureza encontram elementos que lhes satisfazem as exigencias do seu espirito.

COMBRA—Livraria França Amado, Rua Ferreira Borges, 115.

LIVROS

Publicaram-se os tomos 64. e 65 da HISTORIA UNIVERSAL de Oncken, o mais completo e científico repositório da historia da humanidade.

Dirigir pedidos para assinatura a **AILLAUD, ALVES & C.**—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

Novidades literarias

MEMORIA

do 1.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do Valente no 1.º centenario do seu falecimento.

1816—1916 celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10, 11, de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos, no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, repletos das diferentes associações de instrução piedade e caridade estabelecidas no Algarve, uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida fotografia de D. Francisco Gomes e um mapa topografico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 1850 na Tipografia União—Rua Tenente, Valadim—Faro—e nas Livrarias da cidade.

VENDEM-SE

VACAS TOURINAS, PARIDAS

DE FRESCO

JOÃO DE SOUZA ROMÃO

VILA REAL DE SANTO ANTONIO